

SKLIAR, Carlos. (Org). **Derrida & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2005.

Por *Ana Maria Continentino* \*

O livro *Derrida & a Educação* é composto por um texto introdutório do professor Carlos Skliar e por artigos produzidos por seus alunos da pós-graduação em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) a partir do contato com a obra de Jacques Derrida. O livro testemunha o poder de instigação e provocação exercido pela *desconstrução*.

Para Derrida, desconstruir é a tarefa possível a um pensamento que não se põe ao abrigo da *alteridade radical* e da violência que a acompanha, e nem pretende se proteger do engajamento infinitamente dissimétrico que é a única forma de vinculação que tal alteridade admite. A *desconstrução* fala do funcionamento mesmo do pensamento, da estranha lógica que o determina como deslocamento incessante e inarredável, impossível de ser domesticado, aplacado; e pontua que só temos acesso a esta lógica, e ao movimento que lhe é peculiar (movimento desconstrutor), quando não partimos do desejo de profundidade, solidez ou autenticidade, e nos permitimos colocar em questão o desejo mesmo de controle que se impôs e marcou toda a produção discursiva da tradição ocidental.

Com sua noção de *escritura e différance*, a desconstrução acolhe a abertura para um outro paradigma, onde o pensamento já não é percebido como orientado por um centro, por uma presença, que sempre garantiu a harmonia e o funcionamento de todo e qualquer sistema ou registro discursivo, seja ele a filosofia, o direito, a educação.

---

\* Doutora em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). E-mail: amcontinentino@gmail.com

Derrida não pensou especificamente a educação. Quando ele se aproximou do tema, tinha em vista questões mais diretamente ligadas à instituição universitária. Seu interesse era relançar o desafio que a idéia moderna de universidade continha: a de que nela se exercitasse um questionamento sem condição, incondicional. Citando Skliar: “Temos aqui, então, o que poderia ser definido como uma universidade sem condição, o direito primordial a dizê-lo tudo, ainda que fosse como ficção e experimentação do saber, e o direito de dizê-lo tudo publicamente, de publicá-lo”.<sup>1</sup>

Este incondicional, exigência da desconstrução, segundo Derrida, é aquilo que se denega no fechamento de todo e qualquer campo, aquilo que, para além do possível, do calculável em cada discurso, se dirige para o impossível, para o incalculável. Este impossível é a *alteridade radical* que não se declara ou não se deixa perceber nas oposições onde as fronteiras entre pólos opostos encontram-se bem delineadas; mas, antes, é aquilo mesmo que suspende estas fronteiras, que suspende todas as certezas que sob elas se organizam. Uma alteridade que é sempre da ordem da subversão, da perversão, da violação, da loucura, pois não desenha, não oferece nenhum horizonte, nenhum contorno. Trata-se de uma alteridade que tem o poder de desestabilizar tudo aquilo que se impõe em seu *enquanto tal*. É esta alteridade que Derrida deseja apontar e acolher: a desconstrução é o rastrear de sua inscrição em toda a tradição. A escrita desconstrutora abre todo discurso para o que nele não foi ainda controlado, domesticado. Tal abertura, além de abalar a coesão do que definimos como um campo do pensar e do agir, questiona a pretensão de tais clausuras seguirem inquestionadas, como algo natural ao pensamento. Daí toda resistência à meditação derridiana. Para aqueles que não se fazem surdos a ela, publicações como *Derrida e a Educação* são sempre bem vindas.

---

<sup>1</sup> SKLIAR, Carlos. A escrita na escrita: Derrida e a Educação. In: \_\_\_\_\_. (Org). **Derrida e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2005. p. 37.

No seu texto, o professor Carlos Skliar previne que *Derrida e a Educação* não é exatamente um livro sobre Derrida, que desenvolveria as relações “mais ou menos explícitas [da desconstrução] com aquilo que chamamos de educação”,<sup>2</sup> abordando temas como: hospitalidade e hostilidade da escola; o outro como diferente, mas não como diferença; o monolíngüismo (do outro) e a construção das alteridades escolares; o Mesmo e o Outro da educação; a relação entre a questão da tradução e as identidades e comunidades imaginadas; a retomada de questões da ética, da responsabilidade para com os outros; a reflexão sobre a condição da escrita etc.<sup>3</sup> Mas, sim, que o livro

[...] pretende – sabendo da impossibilidade dessa pretensão – construir uma escrita com assinatura própria, uma escrita que participe, ainda sem querê-lo, ainda sem sabê-lo e sem fazê-lo, da escrita assinada por Derrida, um livro cujas autoras e autores se percebam escrevendo a partir de um gesto afirmativo, de um sim a Derrida.<sup>4</sup>

Enfim, um livro “sobre como a escrita de Derrida provoca uma aventura, que é educativa, em nossa escrita; um livro no qual a escrita de Derrida permeia e se dissemina em nossas escritas”.<sup>5</sup>

A partir desta decisão, os autores e autoras se lançam num sincero e sem reservas exercício de desdobramento das idéias derridianas em torno dos temas que os concernem: a educação ambiental e artística, a singularidade da desconstrução na filosofia da diferença, a lida com as crianças, as novas tecnologias de informação e comunicação. Os textos apostam, sobretudo, no poder disseminador da interrogação, seu efeito desestabilizador das fronteiras entre as binariedades que desenham o registro da educação, destacando, especialmente, a noção de *différance* e seu efeito desestruturador para toda e qualquer pretensão de identidade, e as noções de hospitalidade, herança, e tradução a partir da visada desconstrutora.

<sup>2</sup> Idem, *ibidem*, p. 9.

<sup>3</sup> Cf. p. 9.

<sup>4</sup> Idem, p. 10.

<sup>5</sup> Idem, p. 10-11.

Insistimos em ressaltar a *tomada de posição* de Derrida & a Educação, pois ela explicita o que é crucial para uma intervenção que leva em conta a *différance*. Esta não se impõe como um instrumento crítico que visa interferir num campo para que ele possa se reconstituir a partir de um novo centro, uma nova ordem ou em torno de novos valores. Com a desconstrução podemos apenas tomar posições, abalar algumas certezas sem nenhum desejo de restituição, de recomposição. Assim, Skliar e seus alunos decidiram por se submeterem a um certo exercício de escrita, disseminando, nos temas que privilegiam, um estranhamento que o acolhimento do incondicional colore.

Na intenção do livro, o impasse da desconstrução. Toda tomada de posição, para o pensamento da *différance*, em vez de se constituir na construção de uma segurança, de um terreno conquistado, inaugura uma tensão que é aquilo mesmo que ela deseja. Esta tensão sustenta sempre a espera pelo livro por vir.